

FAMÍLIA: POSSIBILIDADES DE TRABALHO

Letícia Hoffmann Kunrath¹

A Jornada Acadêmica do Curso de Psicologia, da Faculdade IBGEN, reuniu diversos profissionais e pesquisadores da área para refletir sobre o tema central do evento: a "Formação profissional na contemporaneidade". Ao ser convidada para participar da mesa-redonda "Formação Profissional e Inovações", esta autora, que é professora da instituição referida, escolheu abordar a configuração da família e suas transformações ao longo do tempo, por se tratar de um tema relevante, instigante e essencial para a formação dos psicólogos.

Nas pesquisas que realizou sobre o trabalho com famílias, deparou-se recentemente com a seguinte afirmação de Durkheim (apud Andolfi, 2018, p. 57), "Não existe uma maneira de ser e de viver que seja a melhor de todas. [...] A família de hoje não é nem mais nem menos perfeita do que aquela de um tempo atrás; é diferente porque as circunstâncias são diferentes". Essas palavras ilustram as grandes transformações pelas quais a família vem passando ao longo dos anos, e essas mudanças/diferenças caracterizam a família encontrada atualmente em diferentes contextos da prática cotidiana dos profissionais da psicologia.

Por esse motivo, deve-se entender o contexto atual para intervir de forma mais assertiva nas famílias. Nesse sentido, é fundamental refletir sobre algumas questões: O que é família? Quem faz parte dela? Que público é esse? Quando os psicólogos atendem uma família, quem devem convidar? Neste ponto da reflexão, julga-se necessário definir "diversidade", palavra que caracteriza adequadamente o conceito atual de família.

De acordo com o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, este vocábulo significa "pluracidade, reunião do que contém vários e distintos aspectos, multiplicidade caracterizada ou estado do que é diverso, não semelhante" (2009, p. 701), exatamente como são hoje as famílias, nas suas mais diversas formas e tamanhos. Há famílias com pais divorciados, famílias monoparentais, famílias reconstituídas, famílias adotivas, famílias compostas por uma só pessoa, famílias com casais homossexuais e filhos de pais do mesmo sexo.

¹ Graduada em Psicologia, pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA); Especialista em Terapia Cognitiva e Mestre em Terapia Social e da Personalidade, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS); Mestre em Terapia Social e da Personalidade, pela PUCRS. Atualmente, é Terapeuta de Casal e Família e Professora na Faculdade IBGEN - Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios. E-mail: leticia.kunrath@acad.ftec.com.br

Na sala de aula, deve-se apresentar e discutir essas possibilidades com os alunos do Curso de Psicologia, tendo em vista que certamente irão se deparar com essa diversidade nos diferentes contextos em que se encontra o trabalho da psicologia, quando estiverem atuando como psicólogos.

Mesmo sabendo das inúmeras possibilidades de trabalho que se abrem para os profissionais da área, propõe-se pensar no trabalho com famílias, no contexto clínico para considerar algumas questões. A primeira delas é de que as intervenções psicoterápicas podem ativar recursos e incentivar o apoio da família. No trabalho com as famílias, esse é um dos principais elementos que apoia o trabalho do terapeuta: acreditar e apostar nos recursos existentes dentro do sistema familiar.

Outro aspecto fundamental é o de observar as famílias com problemas e não problemas personificados durante o contexto terapêutico. Essa análise permite olhar para além dos sintomas e do que é revelado pela família, de modo que seja possível tomar contato com o sistema familiar efetivamente, pois somente dessa forma pode-se auxiliar a família neste processo. Esse modo de pensar e de abordar a família remete ao que Andolfi e D'Angelo (2003, p. 178) denominam de Terceiro Planeta, que implica, por parte do psicólogo, “uma competência relacional mais do que técnica, uma competência que se pode definir de segundo nível, que requer assumir um ponto de vista binocular capaz de conjugar a observação sobre o cliente e sobre a relação que se estabelece entre os sistemas”. Nesse sentido, para acessar o sistema familiar, entender como funciona a família e buscar os seus recursos e potenciais, o terapeuta precisa se permitir entrar nessa relação, de forma que possa trabalhar efetivamente com o sistema e junto com a família caminhar em busca do crescimento.

Revela-se assim uma grande oportunidade: acessar esse sistema, entendê-lo e intervir de acordo com a abordagem que for considerada mais adequada ao caso que se apresentar. Em auxílio dos profissionais, há diferentes teóricos que propõem essa forma de trabalhar com a família. Para este breve estudo, escolheu-se a teoria e abordagem descrita por Andolfi sobre Terapia Familiar Multigeracional, por meio da qual o autor orienta que é necessário observar uma família ao longo de três gerações, o que significa entender que as pessoas mais velhas compartilham uma narração familiar com as gerações mais jovens, cuja peculiaridade para cada indivíduo está na necessidade de liberar, de forma cíclica, as amarrações emocionais (ANDOLFI, 2018).

Nessa perspectiva, através de pelo menos três gerações, deve-se buscar, durante o atendimento, os recursos e amarras existentes ao longo da história das famílias. Dessa forma,

o autor sugere que um olhar voltado para o sistema e para além dos membros da família que procuram atendimento, acessando, enfim, os problemas que não são apresentados inicialmente na terapia familiar. Na prática clínica, constantemente o psicólogo se depara com situações como esta descrita pelo autor, em que alguma família apresenta um determinado problema que se revela proveniente de questões multigeracionais presentes em sua história, as quais são entendidas quando é possível conhecer o sistema familiar.

Para ilustrar essa situação, apresenta-se um exemplo: a família de Paula, 18 anos, procurou a autora deste estudo para atendimento. Segundo relato de seus pais, não sabiam mais como lidar com a filha. Explicaram que ela sempre foi difícil desde pequena. Mesmo que tentassem, os familiares tinham muita dificuldade de lidar com ela. Quando chegaram para atendimento, os pais estavam em processo de separação depois de 24 anos de casamento. O pai relatou que, para ele, existiam muito conflitos familiares e ele entendia que as filhas já eram adultas. De acordo com suas palavras, o objetivo do casamento, que era criá-las, havia sido atingido.

O caso ilustra as questões descritas no método multigeracional, em que as famílias trazem as suas amarras das gerações e das relações anteriores, sendo, portanto, de grande importância que o terapeuta possa acessar essas informações e trazer as diferentes gerações para a terapia.

Além disso, Andolfi (2018), no seu método de trabalho, aborda outro elemento fundamental no atendimento das famílias, que é o de dar um espaço diferenciado na terapia de família para as crianças e adolescentes, a quem ele denomina de consultores por acreditar que são os maiores especialistas nas suas famílias. Afirma que, por meio das percepções e conhecimentos das crianças e dos adolescentes, pode-se encontrar um caminho para levar a família de um quadro de adoecimento para um caminho da saúde.

Uma das histórias que a família referida relevou ilustra bem essa questão: contam que quando Paula estava com cinco anos, era impossível. Nessa época, os pais tinham voltado a morar em Porto Alegre, depois de um período de cinco anos no Rio de Janeiro. Mal se estabeleceram na capital gaúcha e o pai decidiu que deveriam voltar a morar na Argentina. Essa nova decisão levou apenas três meses. Nesse momento, foram buscar terapia para Paula, pois ela se recusava a ir para Argentina; queria ficar em Porto Alegre com a família da mãe.

A mãe relatou que foi um período muito difícil, mas que depois de alguns meses conseguiram controlar a situação e Paula concordou com a mudança, até porque o pai já estava trabalhando e morando na Argentina e ela, a mãe, também iria. Quando a mãe foi

questionada sobre como ela se sentia por ter de voltar para a Argentina e novamente deixar sua família, descreveu que não queria, que novamente o marido estava tomando uma decisão impulsiva. Entretanto, aceitou porque desejava manter o casamento e decidiu, enfim, fazer a mudança. Refere também que foi um período muito difícil para ela e que entrou em depressão profunda, afinal, essa mudança também não era da sua vontade.

Essa situação da mãe pode ser relacionada com o caso de Paula, quando a família a traz para tratamento como "o problema". Mas, ao conhecer a história de Paula por ela mesma, verifica-se que é uma grande especialista em sua família desde sempre, pois quando tinha cinco anos, estava demonstrando toda a dificuldade em mudar novamente de cidade e de sair de perto da família da mãe, questões essas que não eram só dela.

Como se pôde observar, trabalhar com famílias é e sempre será um desafio. Por essa razão, deve-se ter em mente as inúmeras possibilidades que se apresentam, buscando ativar os recursos existentes nesses sistemas. É preciso considerar o aspecto fundamental relacional que se estabelece dentro do contexto terapêutico como um caminho a ser trilhado em conjunto com a família, com o intuito de encontrar soluções possíveis para as demandas que surgem.

REFERÊNCIAS

ANDOLFI, Maurizio. **A terapia familiar multigeracional instrumentos e recursos**. Porto Alegre: Artesã, 2018.

ANDOLFI, Maurizio; D'ANGELO, Ilaria. **Manual de Psicología la dimensión familiar**. Colômbia: La Silueta Ediciones, 2003.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.